

REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DA HOMOSSEXUALIDADE CAMPINENSES

Resumo

O presente artigo apresenta a análise do processo de construção das representações da homossexualidade a partir da doutrina espírita brasileira e da percepção de homens gays praticantes do espiritismo da cidade de Campina Grande na Paraíba. Os resultados que aqui apresentamos foram frutos de análises realizadas inicialmente a partir da obra de Allan Kardec, bem como discursos e publicações de médiuns brasileiros contemporâneos, para alargar o debate realizamos entrevistas com homens gays praticantes do espiritismo. O estudo foi realizado a partir da Análise do Discurso. Observamos que as representações apresentadas por nossos interlocutores coadunam, em partes, com a pensada pelos doutrinadores espíritas, mas existem resistências, mostrando que a subjetividade do indivíduo interfere e ajuda ressignificar conceitos e práticas religiosas

Palavras-chave: Espiritismo; Sexualidade; Análise do Discurso; Homossexualidade;

1. Introdução

O interesse por estudar a relação entre sexualidade, homossexualidade e espiritismo surgiu de uma inquietação pessoal a partir de observações empíricas. Ocorreu que, durante participações em palestras e outros eventos em determinados centros espíritas em Campina Grande (PB), segundo maior município da Paraíba em número de habitantes, observei ou reconheci as presenças de diversos colegas, conhecidos e amigos gays nas plateias, mas nunca em posição de palestrante ou de comando. O desconforto perante essa situação me despertou o interesse acadêmico, pois, por ser um homem gay praticante da doutrina espírita e frequentador de centros espíritas, não me senti representado e essa falta de representação me estimulou a pesquisar essa situação.

Assim, o texto que se segue, busca analisar as representações da homossexualidade a partir de uma visão de homens gays espíritas. Essa empreitada não foi fácil, muitos homens se negaram a conceder entrevista com a justificativa de que o tema era sensível e o momento não era oportuno. Dito isso, realizamos um pequeno recorte histórico sobre o espiritismo no mundo, no Brasil e em Campina Grande, para em seguida expor nossa proposta metodológica,

e concluir o artigo com a análise das representações e identidades construídas a partir da vivência de homens gays¹ com o espiritismo em Campina Grande.

2. Metodologia

Muito se discute a respeito do conceito de Análise do Discurso - AD, pois, enquanto metodologia de análise, não se restringe apenas a área linguística. A História, a Antropologia e a Sociologia também utilizam a AD como ferramenta analítica. Devemos, dessa forma, explicitar que o emprego da AD não é particularidade do campo linguístico, não é pelo fato de trazer em seu cerne o termo 'discurso' que ficará recluso ao campo das letras, linguística ou da gramática.

A análise do Discurso, tendo o discurso como objeto de investigação, trabalha com a linguagem sob suas diferentes possibilidades de existência, e a considera em uma relação direta com a história- esta como o que determina as possibilidades de realização daquela- e com os sujeitos. O discurso é exterior à língua, mas depende dela para sua possibilidade de existência material, ou seja, o discurso materializa-se em forma de texto, de imagens, sob determinações históricas. (FERNANDES, 2012, p. 16).

Aqui, nos apoiamos na perspectiva de Michel Foucault (1969, 1970) para pensar, estudar e analisar o discurso, os sujeitos produtores e a reverberação de seus acontecimentos. De forma breve, poderíamos afirmar que a AD é uma forma de analisar a história enquanto produto do discurso, este sob determinadas condições políticas, filosóficas e ideológicas.

Por ser usada em diversos campos e áreas, a AD não terá uma definição única, "existem várias, desde orientações mais linguísticas até mais psicossociológicas, e nenhuma pretende ser absolutamente definitiva" (NOGUEIRA, 2001, p. 22). Seria impossível conter todas as variedades teóricas e práticas que podem ser conceituadas por Análise do Discurso. Buscando aprofundar e delimitar melhor uma proposta do conceito de AD, iremos nos ater a Foucault e a sua produção, usando como ponto de partida o seu texto em ocasião da Aula Inaugural no Collège de France, em 02 de dezembro de 1970, *A Ordem do Discurso*.

Na primeira fase, ele nos apresenta conceitos importantes que ajudaram a definir a sua perspectiva de AD, como, por exemplo, acontecimento discursivo, enunciado, formação discursiva, que implicaram no conceito de discurso. Este sendo compreendido como,

um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; [...] é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência; [...] é, de parte a parte,

¹ Devemos ressaltar que entre o rol de entrevistados para a tese, foram selecionadas apenas duas entrevistas para a análise nesse artigo.

histórico - fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às complicitades do tempo. (FOUCAULT, 2008, p. 133).

Observamos que, no primeiro momento existe a busca pela ruptura, descontinuidade, transformação, pois Foucault crê que o discurso é prática, ação, não algo estático, contínuo, linear, como se observa na noção tradicional de História. Assim, a perspectiva foucaultiana nos apresenta uma nova perspectiva e definição, como sendo “*um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa*”. (FOUCAULT, 2008, p. 133).

Pensando a construção teórica da AD por Foucault, nos ateremos a análise dos discursos espíritas, especificamente de três doutrinadores², respectivamente Divaldo Franco de Alírio de Cerqueira Filho (2014), bem como publicação de Roberto Lucio Vieira de Souza (2003), mais as obras de Allan Kardec que codificou/fundou a religião. Seus discursos³ serão analisados a partir da concepção teórica foucaultiana. Assim, buscamos compreender os efeitos causados pela formação discursiva doutrinária espírita na construção das representações subjetivas dos nossos interlocutores, homens gays e espíritas.

A saber, o primeiro entrevistado foi **Pedro**⁴, 30 anos, profissionalmente trabalha no comércio, mas é formado em pedagogia, reside em Campina Grande há mais de dez anos. Ele se descreve como vindo de “família pobre do interior, de cidade pequena, do interior da Paraíba”. O segundo, **Paulo**, 32 anos, ao ser requerido que se apresentasse, apenas disse que era um brasileiro comum, solicitei que ele especificasse melhor, informou que é natural de Campina Grande, descendente de portugueses e profissional liberal.

Observamos que são da mesma geração, ambos já frequentaram em algum momento a Fraternidade Espírita Joanna de Angelis- SEJA, que era a instituição que eu frequentava como praticante espírita e que posteriormente tomei como locus de pesquisa, buscando compreender a sistemática existente na instituição, mas entre eles, apenas Paulo desenvolveu atividades junto à Casa. Ambos estavam, 2019, filiados a alguma Casa Espírita no momento. **Paulo** desenvolve suas atividades como trabalhador espírita no Centro Leopoldo Machado. **Pedro**,

² Doutrinadores ou doutrinadoras são os teóricos do mundo religioso espírita. Da mesma forma que existem os doutrinadores para a fé no catolicismo. São pessoas que dedicam sua vida religiosa a estudar determinados temas e divulgar a doutrina espírita.

³ Dado espaço e a missão do artigo, não referenciaremos os termos ou conceitos propriamente, nos ateremos a apresentar análise prévia da lógica existente e divulgada pelos doutrinadores. As referências aos textos serão realizadas de modo indireto.

⁴ Usamos nomes fictícios buscando preservar nossos interlocutores.

iniciou sua vida na doutrina na Fraternidade Espírita a Caminho da Luz e migrou para a Casa do Caminho, não frequentando outros Centros espíritas com frequência.

Paulo teve seu primeiro contato com um Centro Espírita ao buscar tratamento espiritual para algum problema que vivenciava, tendo recorrido a União Fraternal Espírita. É comum ouvir e ler depoimentos e relatos desse gênero, de que se “chegará” ao espiritismo pelo amor ou pela dor, expressão popular entre os espíritas. Mas não obrigatoriamente se chegará ao Espiritismo por essas duas vias, mas a maior parte dos relatos informam que o caminho da dor prevalece. Somente depois de passar por problemas diagnosticados como espirituais, ou não ter diagnóstico algum sobre o que se vivencia, é que se chega a Casa espírita, podendo ou não ocorrer uma fidelização, posteriormente, do sujeito. Esse processo de fidelização passa por outros níveis além da busca de tratamento espiritual.

3 Representações e identidades construídas a partir do espiritismo

A percepção de que o sujeito é entrelaçado, que se liga, desliga e se reconecta em diversas redes nos ajuda a refletir sobre identidade e processos identitários a partir do processo de contato e vivência com a religião espírita. Assim, E. P. Thompson (1981) nos levar a refletir sobre o sujeito, de modo que este não seria apenas parte de uma consciência coletiva, mas de uma consciência heterogênea e subjetiva:

E quanto à ‘experiência’ fomos levados a reexaminar todos esses sistemas densos, complexos e elaborados pelos quais a vida familiar e social é estrutura e a consciência social encontra realização e expressão [...]: parentesco, costumes, as regras visíveis e invisíveis da regulação social, hegemonia e deferência, formas simbólicas de dominação e resistência, fé religiosa e impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições e ideologias – tudo o que, em sua totalidade, compreende a ‘genética’ de todo processo histórico, sistemas que se reúnem todos, num certo ponto, na experiência humana comum, que exerce ela própria (como experiências de classe peculiares) sua pressão sobre o conjunto. (THOMPSON, 1981, p. 188-189).

Thompson privilegia a noção de experiência, enveredando pela análise da expressividade cultural. Uma aproximação para a legitimação da subjetividade como dimensão política da vida social (ENNES E MARCON, 2014). Thompson parte de uma crítica à concepção que por muito tempo naturalizou o conceito de identidade. Não buscamos naturalizar o conceito, muito menos respaldar a lógica que afirma que a identidade é fixa, imutável. Seguimos pela via contrária. Podemos adotar vários aspectos ou identidades para compor um repertório único, não um quebra-cabeças, mas um agenciamento, em busca de

uma representação identitária, que concorra nas relações de poder. Esse processo identitário influencia diretamente, ou melhor dizendo, faz parte do processo constitutivo das representações socialmente construídas.

Nesse sentido, não podemos afirmar que seria apenas gay, mas sou branco, negro, pobre, classe média, escolarizado, analfabeto, de subúrbio, ou não, professor, médico, advogado, um homem trans gay, que provoca confusão na compreensão do que é ser homem e sua relação com o desejo, especialmente para aqueles que acreditam que tudo se relaciona ao ato sexual, escandalizando aqueles que creem em um sistema fálico.

Sobre a orientação sexual dos entrevistados, **Pedro** demonstra que se percebeu gay a partir do desconforto que o discurso católico lhe proporcionava, percebeu que “não estava no caminho certo”, o caminho pensado pela Igreja e, por isso, afirma: “*Eu sou... gay! (risos) Eu sou viado!*”. Já **Paulo** relata que foi difícil compreender a sua orientação sexual, que só conseguiu respostas claras ao estudar a doutrina espírita.

Com certeza... assim... a gente sabe que para o espiritismo sexualidade é definida no planejamento espiritual, então a gente tem encarnações do sexo masculino, e encarnações do sexo feminino, durante várias encarnações, e a transição entre uma e outra é onde dá a homossexualidade. Um exemplo... eu passei várias encarnações vindo como sexo masculino, pra aprender lições que apenas o sexo masculino vão me ensinar, e depois eu posso vir numa sequência de encarnações como mulher, só que essa transição pode ser justamente a homossexualidade. Você não tá entre homem e você não tá em mulher, você tem que aprender uma nova lição, entre esses dois sexos.

Quer dizer que nascer gay...

É uma escolha sua, mas não aqui, no planejamento.

Porque é uma forma de... é uma prova que você vai ter que cumprir.

Paulo ainda nos informa que vive sua sexualidade em segredo, sua família não sabe e poucos amigos também. Diferente de Pedro que vive a sua sexualidade de modo explícito perante a sociedade e sua família. Logo, observa-se dois sujeitos em posições contrárias, mas que no final corroboram com a perspectiva espírita quanto a homossexualidade ser algo “natural”, pois, nascemos gays, o que não determinará a vivência dessa sexualidade, essa situação recai em outro discurso que veremos mais à frente.

Com essas afirmações e percepções, corroboramos com Foucault (2015), quando afirma que as formulações discursivas de formas de saber-poder surtem efeitos inesperados, originando reações, resistências e novas tramas discursivas. O enunciado sobre sexo, desejo e sexualidade demonstra potencial produtor, não apenas de novos discursos, mas de sujeitos, com vivências e representações que se chocam com a regra estabelecida. Observamos essas demandas com o surgimento de novos movimentos sociais: o movimento feminista e o

movimento LGBT, que, hoje, chamamos de LBTTQIA+. A própria sigla representa o surgimento e o agrupamento de sujeitos que reivindicam uma identidade sem, necessariamente, se adequar a todas as características do grupo, ou seja, um sujeito descentrado capaz de produzir representações e vivências diversas. Eles buscam a reordenação de interesses em espaços de discussão e tomada de decisão e poder. Com isso,

Num contexto de múltiplas concepções sobre o sujeito, as discussões sobre identidade estiveram em grande evidência durante o século XX, movidas em grande parte pelos discursos políticos de pertencimento (de nação e de classe) e pelos discursos científicos de classificação (grupos sociais, religiosos, linguísticos, sexuais, raciais, étnicos, etc). No entanto, as reivindicações particularistas e ao mesmo tempo as contestações sobre os rótulos por parte das pessoas demonstraram o caráter eminentemente frágil das dimensões atributivas de identidades aos grupos. Isto contribuiu para o surgimento das disputas e da validade sobre a auto-atribuição. De certo modo, tal debate resultou na possibilidade de visibilidade política e teórica de novos sujeitos sociais, de novas demandas, de novos direitos e desestabilizou uma forma ordenada e tangível de vermos o mundo, pulverizando interesses e multiplicando singularidades. (ENNES E MARCON, 2014, p 285).

Verificamos que eles conseguem articular a identidade espírita com a identidade gay. O que levamos a considerar como uma identidade pensada como espírita gay, que é diferente de ser católico gay, umbandista gay, evangélico gay ou apenas ser gay. Essa identidade se constrói a partir das representações construídas pela Doutrina Espírita em contraponto aos desejos, não apenas sexuais, pois compreendemos que a sexualidade está para além de uma prática sexual.

A justificativa para tal diferenciação de uma identidade espírita gay reside nos seguintes fatos: primeiro, a visão espírita de que ser homossexual ou gay é normal; segundo, por retirar a noção de pecado, pois o que rege as escolhas e a ação dos sujeitos são as leis divinas, as quais existem para orientar e não condenar. Estas estão inscritas em nossa consciência e são acionadas conforme nosso grau de evolução moral e espiritual. Assim, essas noções norteiam o processo subjetivo de identificação, que está embasado nas relações de poder, pois a cada demanda eu aciono particularidades da minha identidade e a arregimento, conforme a necessidade de reivindicação: seja ela por aproximação ou distanciamento. Dessa forma,

Defendemos a ideia de que os processos identitários precisam ser analisados, sobretudo, como expressão de relações de poder geradoras de estratificação, hierarquização e localização, mas também, por vezes, de transgressão social. Tal perspectiva se opõe às análises pautadas exclusivamente na identificação de atributos e elementos que caracterizariam determinados grupos e expressariam suas identidades (como gênero, cor de pele, nacionalidade,

tradições culturais, entre outros). Tais atributos seriam mais bem empregados na análise social se os considerássemos como marcadores produzidos ou construídos através das relações sociais. (ENNES E MARCON, 2014, p 286).

Nesse momento, observamos a força que a religião pode desempenhar, bem como a capacidade de transgredir a compreensão imposta. Paulo é um exemplo disso, pois se desloca da lógica mais recorrente no espiritismo: ninguém pede para nascer gay, mas, sim, para aprender a respeitar a polaridade que vilipendiou em vidas passadas, ou seja, a homossexualidade só seria opção quando se trata de missão, o que ele reconhece não viver, dada a sua evolução espiritual. Assim, Paulo reconfigura a representação, tomando para si toda e qualquer responsabilidade por seus atos anteriores ao nascimento. Com isso, escolheu nascer gay ao mesmo tempo em que não se encontra em missão, transgredindo a lógica imposta ao manter sua identidade orientada às práticas homossexuais tidas como desviantes na doutrina espírita. Devemos explicitar a lógica espírita: nascer gay é normal, a vivência de uma orientação sexual homossexual é que não seria vista como normal. Logo, pode até ser homossexual, mas não deve praticar a vivência sexual homoafetiva.

Constatamos, durante as análises das obras de Divaldo, Alírio e Roberto, que a homossexualidade ocorreria devido a não adequação da polaridade psíquica ao corpo físico ou que a homossexualidade ocorreria devido a vícios trazidos de outra vida.

Por exemplo, um homem que se vicia de maneira heterossexual, tendo conúbio com muitas mulheres, sem respeitá-las, e isso passa a ser uma constante em sua vida, agravando o vício psíquico reencarnação após reencarnação, quando o Espírito reencarna na outra polaridade para aprender a valorizar os patrimônios femininos, o psiquismo está viciado, logo, a sua psicologia íntima não consegue pensar em termos de psicologia feminina no que se refere ao sexo, pensa em psicologia masculina porque não é a Lei jamais derogada e o indivíduo no uso de seu livre-arbítrio precisa se responsabilizar por aquilo que escolheu. (CERQUEIRA FILHO, 2014, p. 55)

Pedro reforça a concepção espírita defendida por Paulo, ao afirmar que

Assim, a doutrina em si ela não, ela não vai dizer muita coisa, ela só vai partir do pressuposto que, somos espíritos, não temos sexo, propriamente dito, nós nos afinizamos, com certo tipo de sexo, ou nos percebemos dessa forma, acho que é a forma mais clara de conseguir expressar isso agora. É, mas só que também, lembrando que nós somos seres humanos e ainda estamos presos a muito preconceito, e alguns evitam esse tipo de assunto, uma pela falta de conhecimento e outras por suas questões pessoais também. Porque o preconceito independentemente se é espírita ou não ele existe.

Divaldo Franco compreende que a homossexualidade, apenas em poucos casos, serve como missão e que, na verdade, a homossexualidade se torna uma prova pelo fato de tentar

adequar o corpo físico à polaridade anteriormente escolhida, bem como a necessidade da preservação da energia sexual. Divaldo ao ser questionado se o sujeito deve ser ou não homossexual, responde: ideal “*seria que cada um de nós mantivéssemos o equilíbrio entre a polaridade psicológica e a organização física*” (2013, p. 128). Segundo o intelectual espírita, ninguém pede para ser gay, mas, ao ocorrer a disfunção entre o corpo e a psiquê, aconteceria a prova. A prova e a expiação ocorrem na busca de uma vida mais regrada, na necessidade constante de sublimação.

Paulo crê fielmente que escolheu nascer gay, para ser testado e expiar os abusos de vidas passadas; ele não fala em pecados. Como já dito, essa lógica, ao menos como pensada tradicionalmente no cristianismo, não existe na cosmologia espírita. **Pedro** reforça essa lógica: “*O pecado não. O pecado não. Tem responsabilidades, e você assume as responsabilidades, mas você não é, por um erro, você vai ser condenado, isso a doutrina não traz. Não existe condenação*”.

A ideia de que nascer gay seria parte de um planejamento espiritual que busca ajudar na prova, expiação e evolução é muito forte na concepção dos nossos entrevistados. Esses sujeitos estão adquirindo seus significados a partir de outras pessoas (BERGER, 1976), no caso, dos doutrinadores intelectuais espíritas, já que a Doutrina, ou melhor, Allan Kardec, não informa sobre a homossexualidade.

É o que percebe nosso interlocutor **Pedro**: “*E, em relação à sexualidade, ela também não, até o momento que é o que eu tenho estudado, o que eu tenho visto, ela não se pronuncia, porque até então, também, na época de Kardec, não tinha essa visibilidade que a homossexualidade, a bissexualidade, a sexualidade têm como tem hoje*”. Pedro estuda há 10 anos o Espiritismo.

Pedro desconhece a tese foucaultiana sobre o processo de disciplinamento das sexualidades anormais⁵, a qual, justamente no período de surgimento do Espiritismo, muito se falava e se debatia na Europa sobre o tema sexualidade, especialmente, entre os religiosos, juristas e médicos ou entre os estudiosos das ciências médicas. Assim, observa-se que, historicamente, Allan Kardec não estava longe do debate, já que ele integrava o Instituto Histórico de Paris, a Academia Real de Arras (1831) e a Academia de Ciências Naturais

⁵ Foucault nos ensina que a ideia de normal é construída, logo, somos levados, de modo muito discreto e quase imperceptível a nos adequarmos a essa normalidade, as diversas formas e usos do poder nos levam, com certa resistência, claro, a um processo de normalização não só da nossa conduta, mas também dos nossos corpos e essa adequação passa pelo processo de controle de tensões e da sexualidade tida como anormal, a que foge da ideia do bom sexo.

(1834), ou seja, era um homem das Ciências, fazia parte de um seleto círculo de intelectuais e, como tal, foi um influenciador, especialmente, no campo da Educação.

A fala que nos leva a pensar na existência da repressão sobre a sexualidade já não é capaz de justificar a exclusão do tema das obras de Kardec. Existem outras explicações. A nossa é a de que o tema não é explicitado, é diluído, evitando embates.

Desse modo, a identidade e as representações acarretam implicações políticas, disputas que perpassam as desigualdades sociais e econômicas. Percebemos que tais implicações favorecem o processo de consciência de si, mediado por relações subjetivas, linguísticas e experiências sociais, no caso em estudo, o contato com a Doutrina Espírita. Pensamos identidade como algo fugidio, que muda, se transforma. Pensar em identidade é pensar em processos identitários. Mas é sempre necessário observar que essas relações de mudança e resignificação são passíveis de serem plasmadas para uma compreensão sociológica das relações de poder existentes.

Nessa medida, plasmamos essas identidades a partir da relação com a Doutrina Espírita, que se insere no campo religioso, sendo um espaço social, caracterizado pelas disputas entre especialistas religiosos e leigos (agentes) (Weiss de Jesus, 2010). Essa compreensão é respaldada por Arribas (2017), sendo marcada por disputas e pela tentativa de imposição do saber religioso e das diferentes maneiras de desempenhar as ações religiosas, buscando o acúmulo do capital religioso, estabelecendo-se, assim, no poder.

Portanto, conseguimos analisar como os interlocutores receberam e processaram as representações da homossexualidade, preconizada pelo Espiritismo. Primeiramente, eles reconhecem que, publicamente, não existe um discurso voltado para o tema homossexualidade em se tratando das palestras:

Pedro: Porque esse tipo de assunto é polêmico. No entanto, a homossexualidade, ele não é muito tratado dentro da doutrina, porque não tem muitos estudos sobre. São poucos, pouquíssimos os palestrantes que trabalham com isso, os que trabalham geralmente são da, são psicólogos, psiquiatras, pessoas que trabalham nessa área da psicologia.

A compreensão de Pedro corrobora com a de Weiss de Jesus (2010) e Arribas (2017), ao afirmarem que existe uma disputa entre os especialistas religiosos, aqui denominados intelectuais e/ou médiuns, quanto à construção de narrativas e representações pós Kardec:

Paulo: Tem sido mais recorrente... a gente tem trabalhado os palestrantes pra... os palestrantes mais novos...

Pesquisador : Preconceito o que, falar sobre ou com os homossexuais?

Preconceito com os homossexuais, alguns comentários, que, embora digam que não é preconceito, mas a gente sempre que tem um pouco de... de... [...] (Cita o nome do palestrante), excelente palestrante, mas certos comentários dele parecem... soam um pouco homofóbicos e machistas.

Pesquisador: Por exemplo, tem algum comentário que você lembre assim, que tenha marcado?

Não... Não na minha mente. A última vez que eu parei pra assistir palestra dele foi na SEJA, quando ele fez uma palestra no Dia das mães, agora em maio. Dia das mães é em maio, né? É... sobre a importância da mulher. E..., na realidade, eu achei a palestra machista e ele soou um pouco homofóbico também. Então, de lá pra cá, eu parei de assistir palestras. E, conversando com alguns amigos, também, que são homossexuais e espíritas, eles também pararam, porque sentiram a mesma coisa que eu. É... aí tem palestrantes novos, por exemplo, é... lá na casa... tem... (nome do palestrante), (nome do palestrante), (nome do palestrante) principalmente. É... enfim. São pessoas que têm trazido muito o tema homossexualidade... suicídio... (nome do palestrante) fez uma palestra semana passada com o tema... sobre suicídio, como a gente deve identificar e desmistificar essa ideia de que... que a depressão é frescura. Aborto...

Pesquisador: Eu... eu sou bem sincero é... com você, eu nunca assisti uma palestra específica sobre homossexualidade em nenhum centro que eu frequento.

Não, não são palestras específicas. São palestras que citam a homossexualidade... Por exemplo, uma palestra sobre é... família. Então, ele fala sobre os vários tipos de família ou, então, uma palestra sobre...É... isso. Ou, então, uma palestra sobre... respeitar as diferenças... aí, tá dentro também. São palestras assim, eles tratam a homossexualidade como algo normal, como qualquer outro tema normal.

A divulgação da representação da homossexualidade ocorre por meio dos oradores espíritas, como colocado na entrevista. Eles circulam por Casas diferentes, disseminando o mesmo conteúdo e percepção sobre um determinado assunto a uma gama distinta de espíritas: sejam apenas frequentadores, trabalhadores ou não espíritas. Não existe uma repressão quanto ao tema homossexualidade, o que existe é uma seleção do que se pode falar, onde pode ser dito e, especialmente, quem pode falar sobre. Existe uma dissolução do conteúdo, uma fragmentação, pois este é oferecido em doses homeopáticas, de forma que não estimule o debate ou que seja percebido como preconceito a esse público.

Diferentemente dos evangélicos, que observam com maior atenção as sexualidades não hegemônicas (NATIVIDADE, 2008, 2009), buscando maiores medidas de controle e prevenção, expondo, criticando e combatendo publicamente, por diversos canais, sejam pregações, grupos de resgate da homossexualidade, os espíritas adotam outra abordagem: mais discreta, seletiva e não ofensiva ao público gay. Ocorre mais uma tentativa de direcionar essa sexualidade não normativa para outras formas de prazer, sendo elas, escrever, ler, pintar, estudar, trabalhar em prol da caridade e da doutrina. Em outras palavras, buscam um controle via redirecionamento do desejo sexual. Não existe a busca por modificar o homem gay, mas a

prática sexual, que pode ser percebida como desviante, ou, usando os termos espíritas, em desalinho com a forma biológica em que se encarnou.

Mesmo tendo a convicção de que os discursos não confrontam a vivência de uma vida homoafetiva, identificamos relatos de experiências negativas dentro de Centros espíritas. Nossos interlocutores sempre reforçam que isso não faz parte do espiritismo, mas que, geralmente, é algo bem específico, de modo que eles justificam tais discursos a partir da retórica espírita e mostrando que incorporaram a representação oferecida.

Pedro nos diz que já observou olhares voltados para os sujeitos afeminados:

Pedro: Não. Não, mas sabemos que o preconceito tá... eu nunca sofri preconceito. Mas, já observei olhares pra certas pessoas que é um pouco mais afeminada, com olhar meio discriminatório.

Paulo reforça

Porque infelizmente tem palestrante mais antigo que sente um pouco de preconceito, o que é normal porque naquela época eles eram mais velados. Então...

Preconceito o que, falar sobre ou com os homossexuais?

Preconceito com os homossexuais, alguns comentários que embora digam que não é preconceito mas a gente sempre que tem um pouco de... de...

Por exemplo?

Cita o nome do palestrante. Adoro (nome do palestrante), excelente palestrante, mas certos comentários dele parecem... soam um pouco homofóbicos e machistas.

Como nos esclarece Borrillo (2015), esses olhares de reprovação estão alicerçados nas justificativas dos papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher. Mesmo afirmando que o sujeito ao nascer porta duas polaridades, *anima* e *animus*, ou seja, o feminino e o masculino em um só corpo, os olhares persistem, pois a vivência de uma homossexualidade santificada (NATIVIDADE, 2008; 2009) deve ser regida por padrões heterossexistas. Nesse momento, é oportuno lembrar a fala de Divaldo Franco (2013; 2016), que diz que o homossexual não pode ter atitudes que afrontem o tecido social.

Partindo da compreensão de que os interlocutores constituem suas identidades a partir de uma relação intrínseca com a Doutrina Espírita, cremos que o termo espírita gay serve como forma de demarcar o foco da análise. Usamos esse termo como forma de distinguir os sujeitos gays, que são espíritas, de outros sujeitos que são cristãos ou de outras denominações mediúnicas, tendo em vista que o Espiritismo, em sua cosmologia, adota características de ambas as denominações. Além disso, justificamos tal uso pelo fato de o Espiritismo conceber a homossexualidade como algo natural. Esse fato é novo entre as religiões cristãs, de tal modo

que influencia fortemente a concepção e vivência das carreiras afetivo-sexuais dos nossos interlocutores.

Ao tornar a homossexualidade como algo “natural” ou inato ao sujeito, percebe-se um distanciamento desta da noção de pecado em relação à existência dessa orientação sexual, ao mesmo tempo em que se concebe a lógica da Lei de Ação e Reação, que estaria contida na Lei Divina, que deve regular o livre-arbítrio.

Percebemos que ao passo que se retira a ideia de culpa ou pecado em torno da homossexualidade, criam-se estratégias para controlar e conter a prática sexual. No entanto, como o poder não se exerce apenas pela imposição, não concebemos essa relação de modo tradicional, como uma coerção, mas como um agenciamento. E, como tal, existe a resistência, bem como formas de se burlar certas regras e imposições, agenciando aspectos da identidade, na busca da vivência da sexualidade.

Peço licença para uma longa, mas interessante composição de ideias, pois cremos ser necessária, para uma melhor compreensão sobre a percepção e atitudes quanto a possíveis posições contrárias a espíritas gays em Centros, bem como a compreensão do que seria uma vivência sexual saudável e direcionada pelas Leis Divinas, inscritas na nossa consciência. Ou, como diria Natividade (2008), uma homossexualidade santificada:

Pedro: Por exemplo, se houver alguma situação, por exemplo, de olhares, eu não me sinto ofendido, porque eu compreendo hoje que o problema não é, não sou eu, o problema é a forma de pensar da outra pessoa. Se ela tem preconceitos ou não, é uma fase que ela se encontra.

Pedro assimilou a lógica do processo evolutivo, pois, da mesma forma que a homossexualidade é um momento da sua vida, os outros também estão vivendo momentos, fases e, por isso, se encontram em estados evolutivos mais avançados ou não. Isso é claro ao tratar do preconceito. Observamos a mesma lógica, ao mencionar sua vivência sexual ou de como seriam hipoteticamente orientadas suas ações no campo sexual:

Pesquisador: Como é que a doutrina e como é que você vê a questão do ato sexual entre dois homens?

Pedro: Normal. Normal. Desde que tenha um... que busquem, não só entre homens, mas também com mulher, homem e mulher, independente da forma, com quem seja, de respeito ao outro e sem excessos. O excesso, pra mim, seria hoje, por exemplo, a... é... usando objetos, é... um que venha denegrir o outro, colocando o outro na posição de quem é submisso. Dessas formas. Submisso... que constranja a outra pessoa a fazer o sexo, por exemplo. Situações que constringam a outra pessoa a fazer sexo. A imposição. A imposição de suas vontades. [...] Mas, nem sempre permite, de... é... de bom grado. Às vezes, permite só pra que o outro sinta prazer.

Pesquisador: Já vivenciou isso?

Pedro: Não. Não, porque, assim, o que eu não quero fazer, eu não faço. O que pode é aquilo que vai me fazer sentir bem.

Pesquisador: Certo. E se me fizer sentir bem ser submisso?

[silêncio]

Pedro: Sim, submissão no sentido de que tipo de submissão? Por exemplo... Não, eu não... não concordo, porque é... sexo, pra mim, é o envolvimento um com o outro. Envolver de carinho, de atenção, é forma de fazer com que o outro sinta o prazer sem necessidade de outro... outras coisas. Porque é uma completude, um do outro.

Pesquisador: Quer dizer que outras coisas não poderiam ser utilizadas durante o ato sexual?

Pedro: Eu não vejo necessário... se uma pessoa vir a me convidar, eu simplesmente coloco que eu não gosto, e eu não faria. A permissão é de cada pessoa. Referindo a mim, eu não faço uso, porque não... não seria pra mim... como é que eu posso... não me daria prazer. Tanto usar em mim como usar em outras pessoas. Porque, pra mim, isso já é o excesso. O respeito. Tem que ter o respeito, independente da forma como vá fazer, mas tem que ter o respeito. É como eu falei, se, por exemplo, colocando a situação de espíritas que gostam de usar apetrechos. Beleza, é ali, é eles que gostam... Não deixam de ser espíritas. E não é (excesso)... pra eles não.

Pesquisador: Mas, para a doutrina?

Pedro: Para a doutrina? Se é... já entraram a questão da falta do respeito para com o outro, sim. A doutrina, ela se baseia na sua consciência. É o seu nível de consciência, só isso, não tem como medir. A doutrina vai estipular, por exemplo, um número, a doutrina não estipula nada. Ela lhe dá a liberdade de você ter a consciência.

Pesquisador: Pra você, enquanto espírita, o que seria regular ou normal pra você em quantidade de vezes de sexo, por exemplo?

Pedro: Não tem quantidade. Existe a questão da outra... dos dois se sentirem bem. Se sentirem bem, fazendo sexo todos os dias, ótimo, se não, tudo bem. Pra mim, por exemplo, eu me imponho. No sentido de que, se tu tiver hoje, se hoje for dia de eu participar de uma reunião mediúnica, eu sei que a energia do sexo, ela é fundamental pra questão mediúnica, que a energia sexual é da criação. É a energia criadora. Tudo que está relacionado à criação parte da energia sexual. É... como eu sei que a doutrina, como eu sei que a doutrina não... como eu sei que eu participando da reunião mediúnica a minha energia sexual, ela vai ser bastante usada, nas comunicações, eu prefiro não fazer sexo. Mas, há pessoas que fazem. Vai depender do nível de consciência ou de querer de cada um.

Pesquisador: Quer dizer, se você transar vai interferir de alguma forma?

Pedro: No meu pensamento, sim. A energia que eu poderia usar no dia... a partir do momento que você vai estudando, você vai adquirindo e colocando os seus limites ou é... formulando o que você pensa de cada assunto.

Verificando o discurso de Pedro, percebemos as estratégias ou o que influencia a vivência de sua sexualidade. Esta é sempre baseada na lógica do respeito, um respeito preconizado na moral religiosa da Doutrina Espírita. Pedro consegue articular a lógica do livre-arbítrio, para respaldar a prática de sua sexualidade, mesmo que Alírio de Cerqueira Filho informe que é um vício a ser vencido, mesmo que Divaldo Franco aconselhe a sublimação.

Pedro consegue arregimentar parte do discurso espírita, no qual se observa a imposição de limites, definindo o que venha a ser uma relação homossexual saudável, conseguindo burlar a imposição da sublimação, ao mesmo tempo em que se afasta da representação da homossexualidade como algo pervertido e imoral, ao recorrer à palavra respeito.

O discurso sobre o respeito é baseado nos ensinamentos de Divaldo Franco. Notamos, implicitamente, a influência dos conceitos, como autocontrole e educação mental, quando ele diz que não faz uso de objetos ou de outros apetrechos durante o sexo, bem como da realização de fantasias sexuais. Observamos a influência que Divaldo possui, pois esse médium aconselha a limpar a mente de situações que estimulem algo que não seja natural, que estimule o sexo que não seja pautado no amor e no respeito; deve-se evitar a estimulação de nossos instintos animais.

A gestão que Pedro faz de si é baseada não no silêncio, mas, sim, na adesão à cosmologia espírita, que dialoga, intensamente, com a moral cristã católica, mas que permite uma outra forma de gestão de si, baseada no livre-arbítrio ou um eterno confessor, que controla, de forma onipotente, do alto da Lei de Ação e Reação. Pedro incorpora a mesma estratégia que a Doutrina utiliza ao tratar do tema sexualidade. Ele discorre, fala sobre, e vivência sua sexualidade em doses homeopáticas.

Essa nova gestão de si ocorre a partir do ato de se confessar diariamente, através de um confessor instaurado na nossa consciência. Assim, por uma ‘simples’ consulta à Lei Divina, existente em nossa consciência, confessamos ao passo em que regulamos as nossas ações. A fala de Pedro denota essa relação que, em um primeiro momento, aparenta ser simples, mas não o é.

Desse modo, ao manter uma relação homoafetiva, Pedro não estaria desrespeitando a Lei Divina. Em sua concepção, bastaria consultar sua consciência, para saber se já havia atingido o seu limite de tolerância quanto ao padrão moral, pois, quanto mais evoluído o espírito, mais restrito e limitado se tornam os conceitos e suas vivências práticas.

Portanto, por se encontrar em um ponto evolutivo, sua homoafetividade é aceitável. Pedro não estaria em desobediência pontual (DUARTE, 2004) aos preceitos do espiritismo, mas em plena comunhão com a Lei de Ação e Reação, como também com a Lei Divina, inscrita em sua Consciência. Tudo é calculado a partir das doses necessárias para vivenciar sua sexualidade, não desrespeitando, assim, a Lei Divina. Vale dizer que não existe tensão, ao menos aparente, entre a sua orientação sexual e os valores religiosos (NATIVIDADE, 2008).

Pedro: Não, não, a doutrina. Não traindo a doutrina, mas, sim, indo de contra já um pouco de... entra a questão do que, caramba, eu já sei disso, é a sua consciência, começando a despertar. Eu já sei disso e por que é que eu faço isso? Por exemplo, é... sair com dois homens, ao mesmo tempo, não que eu tenha feito isso... fiz uma vez... Risos.

A fala de Pedro corrobora com a de Gayle Rubin (1998), que afirma que a sexualidade, como um produto da atividade humana, sempre será uma questão política e de poder.

4. Considerações

Compreendemos que as concepções e ideias apresentadas por Divaldo Franco e Alírio de Cerqueira Filho se inserem na tentativa de responder a uma demanda social que surge mediante a despatologização da homossexualidade, que seria política e moral. A demanda pode ser pensada a partir dos questionamentos: o que fazer com aqueles que vivenciam uma sexualidade fora da heteronorma? Sem agredir os seus corpos, ou restringir os seus direitos civis? Antes de 1992⁶, ano de mudança no paradigma, era simples, terapia, medicalização, psiquiatria, afinal, era uma doença.

Os discursos analisados direcionam o sujeito homossexual para uma normalidade, “normalidade” essa que ele busca na tentativa de ser aceito e agregado a teia social. O homossexual ainda é visto como um sujeito que não se enquadra na lógica binária homem/mulher, macho/fêmea, colocando em risco os códigos morais Foucault (2017) estabelecidos, sendo assim, deve-se resguardar.

Por fim, devemos ressaltar que a homossexualidade não pode ser vista, na doutrina proposta por Divaldo Franco, como uma transgressão à conduta moral. Devemos esclarecer que ser homossexual na Doutrina Espírita é algo normal, o erro existe na prática sexual, ou no homossexualismo como reforça Alírio de Cerqueira Filho (2014). A sublimação é a saída mais acertada para que a evolução moral e espiritual ocorra.

Os discursos e representações apresentadas não rompem com os binarismos, os conceitos cristãos adaptados, reinterpretados e contidos na doutrina espírita, se ancoram no heterossexismo onde se pauta, orientando as identidades e as representações coletivas que devem gerir as relações sociais dentro da religião, ou dentro do espaço público religioso. Ainda, a partir de uma lógica patriarcal, se percebe claramente que as representações são orientadas pelo modelo heterossexual ancorado na lógica reprodutiva, familiar e religiosa. A

⁶ O ano de 1992 é emblemático, ano em que a homossexualidade deixou de constar no Código Internacional de Doenças. Fruto de um movimento político e social anterior a década de 90, mas que gerou grande revolução nas lutas por igualdade e direitos sociais de pessoas homoafetivas.

partir das análises, percebemos a doutrina espírita como um dispositivo normativo, dotado de múltiplas estratégias de produção de sujeitos normalizados e que nossos interlocutores compram essa lógica, obtendo o mínimo de mobilidade para viverem de forma discreta as suas sexualidades.

5. REFERÊNCIAS

ARRIBAS, Célia da Graça. Autoridades espíritas: critérios para tipologias e repartições das lideranças no espiritismo. In: SOUZA, André Ricardo de. (2017), *Etal (org) Espiritualidade e espiritismo: Reflexões para além da religiosidade*. São Paulo. Porto de Ideias.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010), *Censo Demográfico e Populacional Brasileiro de 2010*. Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br/>, consultado em 20 de janeiro de 2020.

BORRILLO, Daniel. (2015), “Homofobia: História e Crítica de um preconceito”. Belo Horizonte. Autêntica Editora.

CÂMARA, Epaminondas. (1988), *Datas e notas campinenses*. Campina Grande, PB. Edições Caravela.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. HEILBORN, Maria Luiza. BARROS, Myriam Lins de. PEIXOTO, Clarice. (2006), *FAMÍLIA E RELIGIÃO*. Editora contra capa.

ENNES, Marcelo Alario; Marcon Frank. (2014), “Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder”. *Sociologias*, Porto Alegre. Ano 16, nº 35. Disponível em <https://www.scielo.br/j/soc/a/jXq5XN7RP3g6wFJqpQqXBTN/abstract/?lang=pt>, consultado em janeiro de 2021.

GREGOLIN, Maria do Rosário. (2006), *Foucault e Pêcheux na análise do discurso-diálogos & duelos*. São Carlos. Editora Clara Luz.

GUIUMBELLI, Emerson. (2008), “A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil”. *Relig. soc.* vol.28 no.2 Rio de Janeiro. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rs/a/Qsh6vSD3yFVTK9dZBfHfLyF/?format=html>, consultado em janeiro de 2021.

GUIUMBELLI, Emerson. (1997), “Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais”. *Rev. Antropol.* vol.40 n.2. São Paulo. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ra/a/85TcwLwkybyhZGbLTZ7ydfMb/?lang=pt>, consultado em março de 2019.

LEWGOY, Bernado. (2008), “A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicia”. *Relig. soc.* vol.28 no.1 Rio de Janeiro. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rs/a/47BDMf6WkxTch9XK898QRYv/abstract/?lang=pt>, consultado em janeiro de 2021.

LEWGOY, Bernado. (2001), “Chico Xavier e a Cultura Brasileira”. *Rev. Antropol.* vol.44 no.1 São Paulo. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ra/i/2001.v44n1/>, consultado em maio de 2021.

LEWGOY, Bernado. (2004), *Etnografia da leitura num grupo de estudos espírita*. Horiz. antropol. vol.10 no.22 July/Dec. Porto Alegre. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ha/i/2004.v10n22/>, consultado em 30 de maio de 2019.

LEWGOY, Bernado. (2020), *Os Espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade de São Paulo. São Paulo.

FERNANDES; Claudimar Alves. (2012), *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. Intermeios. São Paulo. 2012.

FOUCAULT, Michel. (2001), *História da Sexualidade*. Paz e Terra. Rio de Janeiro/São Paulo.

FOUCAULT, Michel. (2001) *Os Anormais. Curso no Collège de France (1974-1974)*. Martins Fontes. São Paulo.

MISKOLCI, Richard. (2017), *Desejos Digitais. Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line*. Belo Horizonte. Autêntica.

NATIVIDADES, Marcelo. *Homossexualidade Masculina e Experiência Religiosa Pentecostal in Sexualidade, Família e Ethos Religioso*. Garamond Editora. 2005.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. (2008), *Deus me aceita como eu sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil*. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro.

NOGUEIRA, Conceição. (2001), “Análise do discurso”. Em L. Almeida e E. Fernandes (Edts), *Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a prática e investigação*. Braga: CEEP.

PEREIRA, Francisco Jomário. “Transar você pode, mas não deveria”. A Representação da homossexualidade no discurso espírita brasileiro. Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba. 2020.

PRANDI, Reginaldo. (1997), A religião do Planeta Global. In A. P. Oro & e C. A Steil (Orgs). *Globalização e Religião*. Petrópolis, Vozes.

RUBIN, Gayle. Thinking sex: notes for a radical Theory of the Politics of sexuality In: Nardi, P. And Schneider, B. (1998), “Social Perspectives in Lesbian and Gay Studies” – A reader, London/New York, Routledge ed., p. 100-133.

SOUZA, André Ricardo de. “A livre religiosidade e a compulsória ciência do sociólogo da religião”. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 5, n. 2, jul.-dez. 2015, pp. 289-325.

THOMPSON, Edward P. (1981), *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar.

WEISS DE JESUS, Fátima. (2010) "A cruz e o arco-íris: Refletindo sobre gênero e sexualidade a partir de uma 'igreja inclusiva' no Brasil". *Ciencias Sociales y Religión*, 12:131-146.

OBRAS ANALISADAS

FEB, Federação Espírita Brasileira. < <http://www.febeditora.com.br/quem-somos/>> acessado em 03 de janeiro de 2019.

FEB, Federação Espírita Brasileira. *Mediunidade: Tipos de psicografia*. <<https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Modulo-2-Tema-5-Psicofonia-e-psicografia.pdf>> Acessado em 03 de janeiro de 2019.

FEBP, Federação Espírita Paraibana < <http://www.fepb.org.br/estrutura-funcional/centrosespíritas/?cidade=Campina+Grande+PB&bairro=Todos+os+bairros>>. Acessado em: 20 de março de 2019.

KARDEC, Allan. (1997). *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Editora Petit.

KARDEC, Allan. (1997). *O Livro dos Espíritos*. Editora Petit.

KARDEC, Allan. (1997). *O Livro dos Médiuns*. Editora Petit.

LOPES, Luiz Fernando (org). (2018). *Amor e Sexualidade: A conquista da Alma*. Editora Leal. Salvador.

LOPES, Luiz Fernando (org). (2016). *Sexo e Consciência*. Editora Leal. Salvador. 2016

MANOEL (Espírito). (2002). *Sexo e Obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Editora Leal. Salvador.

MENEZES, Bezerra. (1896). União dos spiritas. *Revista O Reformador*. Rio de Janeiro. V. 14. N. 32. Agosto.

SAEGUSA, Claudia (org). (2013). *Divaldo Franco Responde. Vol. 2*. IntelÍtera, São Paulo.